



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Tensões no Oriente Médio nas ofensivas entre Israel e Palestina hoje vitaminam a produção documental, seja interna (naquele perímetro geográfico inflamável), seja na Europa, em análises com foco na resiliência de potenciais vítimas de um ódio histórico. A Berlinale deste ano amplia o debate a partir de uma expressão audiovisual dos EUA, com Darren Aronofsky (diretor de “A Baleia” e “Pi”) entre os seus produtores: “Holding Liat”. Um dos títulos mais explosivos desta edição de nº 75 do festival alemão, o longa dirigido por Brandon Kramer revive os trágicos episódios de 7 de outubro de 2023, demarcado a sangue no calendário israelense.

Essa data é assombrada por uma série de atentados coordenados e conduzidos pelo grupo militante islâmico palestino Hamas, da Faixa de Gaza, às áreas fronteiriças do sul de Israel, na manhã de Shabat, data de vários feriados judaicos.

“Estávamos no casamento de um amigo, numa festa realizada numa área de montanhas quan-



Meridian Hill Pictures

Tragédia israelense de Outubro de 2023 é revisitada em ‘Holding Liat’

A tortura da incerteza

Documentário americano sobre sequestro durante os atentados de 7 de Outubro em Israel inflama debates sobre Oriente Médio durante o festival alemão

do toda a tragédia aconteceu e decidimos partir para um filme de observação”, disse Kramer, em entrevista ao Correio da Manhã,

ao lado de seu irmão, Lance, que produziu o longa.

Seu foco não são os atentados, mas, sim, o sofrimento de uma

família com quem tinham uma conexão prévia. Depois que a guia de turismo Liat Beinun Atzili foi raptada, em Kibbutz Nir Oz, em

pleno 7 de outubro, seus parentes, israelenses e americanos, enfrentam uma fase de horror, com medo de que ela seja assassinada. Seus entes queridos se unem para lutar pela sua libertação e pelo futuro de um projeto político de nação.

“Naquele momento, o mundo todo ficou atento para a situação dos reféns”, disse Kramer. “A ideia de medo que brota dessa situação passa pela incerteza e de tudo de tóxico que ela traz”.

A produção de Kramer pode ganhar a láurea de Melhor Documentário da Berlinale, que tem em seu júri a diretora mineira Petra Costa (de “Democracia em Vertigem”).

Oleksandr Roshchyn/Divulgação



‘Timestamp’, documentário com CEP da Ucrânia, aborda o mundo escolar

Reações da Ucrânia e serenidade da Noruega

Ao largo do favoritismo do Brasil, demarcado desde o último domingo, quando “O Último Azul” escancarou o mal do etarismo em terras sul-americanas, a briga por um Urso de Prata e pelo cobiçado Urso dourado de 2025 passou por (finos) solavancos em sua reta final.

Uma expressão de resiliência da Ucrânia, em reação aos saldos de sua guerra com a Rússia, fez a Berlinale se encantar pelo documen-

tário “Timestamp”, de Kateryna Gornostai. É um mosaico do dia a dia de estudantes e profissionais da educação na cena escolar ucraniana, numa luta para manter viva a fé na educação como um instrumento de revolução.

Antes de “Timestamp” se fazer amar por Berlim, o festival entrou em uma torrente lírica, por vias norueguesas, com o dulcíssimo “Dreams (Sex Love)”, de Dag Johan Haugerud. O filme é parte

de um projeto que o diretor escandinavo tem criado a fim de entender modos de amar, de gozar e de temer o querer.

A trama faz uma ode à literatura ao narrar o processo de escrita de uma adolescente no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha. No sábado, o júri vai dizer se essas produções sairão da Alemanha laureadas na volta para casa a seus países. (R. F.)